

# QUE ENSINEMOS A TRANSGREDIR: A SALA DE AULA INSPIRADA POR BELL HOOKS

RESENHA: HOOKS, BELL. ENSINANDO A TRANSGREDIR: A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA  
LIBERDADE. SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 2017.

BÁRBARA HARIANNA DE CABRAL<sup>1</sup>

*Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* é uma obra de bell hooks publicada pela primeira vez em 1994 e traduzida para português por Marcelo Brandão Cipolla em 2013, tendo uma segunda edição em português publicada em 2017. Gloria Watkins, ou bell hooks<sup>2</sup>, nome que a escritora adota em homenagem à bisavó, é uma professora, ativista e escritora negra que nasceu no Sul dos Estados Unidos, no estado de Kentucky, uma região que é considerada a mais racista do país.

O livro é composto por 14 ensaios, que são reflexos de suas experiências e inquietações em relação às práticas de professores em sala de aula e que podem ser lidos em qualquer ordem. Nas 283 páginas a autora transcorre sobre a importância de se ter uma pedagogia engajada – conceito que aprende com Paulo Freire e perpetua em suas obras – trazendo no decorrer dos textos suas experiências não apenas como professora que pratica essa pedagogia, mas como aluna que foi atingida por ela quando teve professores que tiveram coragem de transgredir fronteiras e se aproximar verdadeiramente dos alunos para assim despertar o desejo pela aprendizagem.

Ainda enquanto era estudante, hooks viveu a transição política que acabou com as escolas exclusivamente negras e promoveu a inserção desses/as estudantes negros e negras nas escolas anteriormente exclusivamente brancas. O fim dessas escolas exclusivamente negras foi um marco na trajetória da autora, mas que, assim como as experiências ruins que teve durante a graduação, serviu de combustível para reflexões que renderam diversos debates sobre como tornar a prática da educação diferente da que estava posta até então.

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), professora da rede estadual do Amazonas (SEDUC/AM). E-mail: barbara.harianna@hotmail.com.

<sup>2</sup> O pseudônimo bell hooks é grafado em letras minúsculas em respeito à uma preferência da própria autora que desafia convenções linguísticas e acadêmicas na forma de escrevê-lo, colocando-o em letras minúsculas, para propor que o foco seja no conteúdo de suas ideias e não em sua pessoa ou identidade. (Moreira, 2019).



A autora, que é formada em Língua Inglesa pela Universidade de Stanford, fez mestrado na Universidade de Wisconsin e doutorado na Universidade da Califórnia e pesquisa sobre educação, história, arte e feminismo, mesclando experiências pessoais com leituras teóricas. Seus estudos renderam mais de trinta publicações em diversas áreas, consagrando-se como referência principalmente nos temas educação e feminismo negro.

No decorrer dos ensaios do livro objeto desta resenha, a autora nos convida a abraçar a mudança, buscando entender o que é o ensino em um mundo multicultural. Para isso rememora situações que viveu na transição social acontecida nos EUA que permitiu que pessoas negras passassem a frequentar os mesmos espaços que brancas. Nesse ponto do texto ela discute especialmente sobre a disseminação da desinformação na sociedade atual e sobre a importância de se falar em diversidade cultural numa realidade em que o imperialismo, o sexismo e o racismo distorceram a educação de forma que esta deixou de ser uma prática da liberdade. Nesse ponto, a autora mostra como é iminente uma revolução de valores para resolver a “crise da educação” que ela afirma estar acontecendo, situação em que os alunos não querem aprender e os professores não querem ensinar.

A autora revela em muitas partes do livro que uma de suas maiores inspirações para transformar sua prática em sala de aula é o educador brasileiro Paulo Freire. Em um dos ensaios, que leva no título o nome do educador, bell hooks escreve em formato de um diálogo entre ela, como Glória Watkins que conversa com a persona bell hooks, que afirma ser sua “voz de escritora”. Percebe-se nesse texto como a partir das leituras de Freire foi que a autora passou a adotar a pedagogia engajada como sua bandeira, perpetuando os ensinamentos freirianos de que a prática da educação deve ser libertadora para todos que participam dela.

Em outro ensaio desta mesma obra a autora discorre sobre suas experiências equilibrando teoria e prática para mostrar como não existe possibilidade de discussões teóricas fazerem reais transformações na realidade se elas não puderem se encaixar numa conversa informal. A autora nega a cisão entre teoria e prática mostrando que tal divisão só pode perpetuar condições que reforçam explorações e repressões coletivas.

Reconhecida por seus debates no feminismo negro a autora também traz em seus ensaios a importância da sala de aula feminista, que ficou demarcada em sua trajetória enquanto estudante o fato de que apenas nestas aulas feministas era possíveis levantar questionamentos, inclusive sobre o próprio processo pedagógico proposto. Em mais de dois ensaios a autora faz críticas ao feminismo branco que por anos ignorou a condição da mulher negra dentro do movimento. Nessas reflexões ela traz suas experiências



enquanto mulher que sofreu machismo no movimento negro e enquanto mulher negra que viveu situações racistas no feminismo branco. Suas impressões sobre os chamados estudos feministas também ganham espaço nos ensaios da referida obra.

O que está bem demarcado e presente na obra *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade* é o papel dos professores em mudar sua forma de pensar os processos pedagógicos, caminhando para a construção do que ela chama de comunidade pedagógica. Este ambiente que ela propõe que seja criado inclui tornar a sala de aula um local de entusiasmo, onde todos sejam ouvidos com seriedade, onde o professor não seja o centro da sala de aula e onde todos saibam que estão ali para aprender e ensinar juntos.

Nesta obra ainda cabem discussões sobre a língua inglesa, em um ensaio no qual a autora propõe reflexões sobre essa chamada “língua do opressor” e a perda forçada da língua pelos africanos escravizados nos Estados Unidos. Nesse texto ela reforça a importância da língua adquirida de forma forçada ser retomada e reclamada como espaço de resistência, de forma que essa experiência possa ser reinventada. No mesmo ensaio ela comenta sobre sua experiência usando o chamado vernáculo negro do Sul, dialeto específico da região onde nasceu, e como teve muitos artigos devolvidos “corrigidos” no inglês padrão ou episódios como quando seus alunos negros usavam esse dialeto em sala de aula isso incomodava os alunos brancos.

Nos ensaios que finalizam o livro a autora discute ainda questões de classe na sala de aula, destacando mais uma vez o papel dos professores para que questões como essa não sejam ignoradas e para que a sala de aula seja minimamente mais democrática do que é a sociedade, trabalhando de uma forma que todos realmente tenham seu momento de falar e de escutar o outro.

Em outro ensaio a autora discute de forma inédita, pelo menos para quem vos escreve, sobre a importância do *eros* e do erotismo no processo pedagógico. Esse é um ensaio que a autora discute a importância dos professores reconhecerem que corpo e mente não estão desligados, de forma que não se pode ignorar o corpo na sala de aula e nem as paixões que surgem nesse processo de ensinar e aprender. A autora considera essencial que não relacionemos esses debates à situações sexuais, mas que possamos entender o papel do erótico na sala de aula enquanto uma força que auxilia no processo de aprendizagem. E todos, professores e alunos, devem saber usar essa energia para revigorar discussões e exercitar a imaginação.



O ensaio que finaliza o livro fala sobre o êxtase que existe em ensinar e aprender e como esse é um processo que não tem limites. Nesse debate a autora evoca mais uma vez a importância da pedagogia engajada, colocando-a num lugar de grande importância em sua vida visto que foi crucial para seu desenvolvimento intelectual, tanto como professora quanto como aluna, pois a essência dessa abordagem é o pensamento crítico. Ela finaliza dizendo que começou a escrever esses ensaios afirmando que não queria ser professora e sim escritora, mas que percebeu que depois de vinte anos de docência seus momentos de maiores alegrias foram em sala de aula, foi quando sentiu êxtase.

No decorrer da experiência de bell hooks a pedagogia engajada se tornou um ativismo político e ela segue defendendo a sala de aula como um espaço de possibilidades. Leituras como esta podem ser importantes para atuação de professores, principalmente quando se trata da rede básica e de alunos de classe baixa e com menos oportunidades, como é o caso dos estudantes nas regiões periféricas e interiores. É possível transformar a experiência de ensino em sala de aula quando há nesses espaços professores comprometidos com a pedagogia engajada, trazida por Freire e reforçada por hooks.

Essa pedagogia transformadora proposta por hooks parte deste princípio da sala de aula como um campo de possibilidades onde os professores devem trabalhar pela liberdade, com criatividade, abrindo a mente e o coração para encarar a realidade dos seus alunos ao mesmo tempo em que coletivamente, junto a eles, possa pensar em maneiras de transgredir, quebrar fronteiras impostas. A educação como prática da liberdade se baseia nisso, não aceitar o que está posto. Se existem poucas oportunidades para os estudantes mais pobres, da periferia, do interior, é importante que o docente possa pensar estratégias coletivas para ampliar essas possibilidades.

A leitura desta obra, escrita na década de 90 mas que segue extremamente atual em suas questões, pode ser uma tomada de fôlego para todos os profissionais da educação que se encontram desmotivados ou acomodados em suas práticas. Mas também para professores em formação, alunos e pais comprometidos com o processo educacional. Por fim importante ressaltar que partindo do princípio de que é preciso construir uma comunidade pedagógica, como hooks propõe, temos de estar atentos e presentes em corpo na sala de aula, observando as posturas autoritárias que reproduzimos no tom de voz, na escolha de palavras, no estabelecimento de hierarquias. Só assim será possível criar um espaço democrático em sala de aula, de forma que os alunos se sintam realmente parte de algo maior que está sendo construído coletivamente.



Se todos os profissionais de educação hoje tomarem as propostas da pedagogia engajada e levarem para suas práticas ainda é possível construir uma educação que seja prática da liberdade. Nesse processo não apenas os estudantes se fortalecem, mas também os professores, pois abraçar propostas de autoatualização de suas práticas aumenta possibilidades de criar práticas pedagógicas que envolvem realmente os alunos, proporcionando maneiras de saber que afetarão diretamente suas visões de mundo, aumentando sua capacidade de viver profunda e plenamente. E assim construímos a partir de nossas práticas um mundo mais possível de se viver, onde haja respeito mútuo e onde toda pessoa seja capaz de aprender e de ensinar. Pois toda realidade tem saberes, e todos devem ser valorizados se queremos viver um mundo mais democrático e culturalmente diverso.

**Data de Aceite:** 15/11/2020

**Data de Publicação:** 02/03/2021

### **Referências Bibliográficas**

BREDA, Tadeu. **Quem é bell hooks?**. Editora Elefante, 2019. Disponível em: <<https://www.editoraelefante.com.br/quem-e-bell-hooks/>> Acesso em 08 out. de 2020.

MOREIRA, Marília. **Clássico do feminismo negro, obra de estreia de bell hooks é relançada no Brasil**. Geledes, 2019. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/classico-do-feminismo-negro-obra-de-estrelia-de-bell-hooks-e-relancada-no-brasil>> Acesso em 15 out. de 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.